



CHILE

Aposta na ordem e na segurança

Eleitores devem decretar a guinada rumo à extrema-direita e conceder a vitória a José Antonio Kast, no segundo turno da corrida presidencial. Sociólogo vê esquerda prejudicada pela menção ao comunismo no nome do partido de Jeannette Jara

» RODRIGO CRAVEIRO
» SILVIO QUEIROZ

No primeiro embate das eleições presidenciais do Chile, em 16 de novembro, a candidata da centro-esquerda Jeannette Jara, 51 anos, venceu o católico da extrema-direita José Antonio Kast, 59, com uma diferença estreita de 2,9 pontos percentuais. Hoje, quase 13,5 milhões de chilenos retornarão às urnas com um prognóstico bem diferente. De acordo com as sondagens, Kast deverá absorver os votos de três candidatos derrotados da direita e tornar-se o oitavo presidente eleito desde a redemocratização, em 1990. Para ocupar a máxima cadeira do Palácio de La Moneda, Kast aposta na retórica sobre a crise da segurança e no “caos e desordem” atribuídos aos últimos governos de esquerda.

Os comunistas, que emplacaram Jara como candidata presidencial, admitem que os preconceitos arraigados contra o nome do partido podem ter pesado no desfecho da disputa. “A direita tentou transformar o fato de Jeannette Jara ser o Partido Comunista em um tipo de espantinho, como se, com a vitória dela, o programa do partido estivesse em pauta”, disse ao **Correio** o sociólogo Pablo Reimers, responsável pela organização da legenda no exterior. “Foi um discurso que eles exploraram.”

Marcelo Mella, cientista político e professor do Departamento de

Eitan Abramovich/AFP



Jose Antonio Kast, do Partido Republicano, acena para simpatizantes

Estudos Políticos da Universidad de Santiago de Chile, vê amplo favoritismo de Kast no segundo turno das eleições presidenciais, hoje. “Isso, em grande medida, por causa da desilusão e da frustração causadas pelo ciclo de governos de esquerda, que não deram solução efetiva a dois problemas que estão no centro da preocupação de chilenos e chilenas: a imigração e a segurança pública. Isso constitui-se em uma janela de oportunidades para Kast assumir o governo com uma votação muito importante”, afirmou ao **Correio**. Ele ressaltou que, em eventual vitória, Kast não terá maioria no Congresso.

“Na melhor das hipóteses, terá 20% dos deputados. Terá que buscar o aval por meio da negociação.”

Para Mella, o primeiro ano de Kast, caso eleito, será de complexidade. “Prevejo os primeiros dias ou meses de governo muito parecidos aos de Gabriel Boric. A direita está fragmentada por profundas divisões ideológicas entre liberais, libertários e conservadores, que não estão dispostos a se somarem a qualquer iniciativa de um futuro governo de Kast”, observou.

O especialista acrescentou que o rechaço à direita nosterpos do general Augusto Pinochet não faz sentido

Rodrigo Arangua/AFP



Jeannette Jara, da coalizão Unidad por Chile, tira selfie em comício

para os mais jovens. “Nesse setor, há uma profunda desconfiança a respeito da incapacidade dos governos da última década para construir soluções para a segurança e a imigração e prosseguir com a mobilidade social.” Mella vê uma frustração de vários segmentos da classe média, que almejam a recuperação do modelo de desenvolvimento.

Mesmo relutante em aceitar o prognóstico unânime das pesquisas, Reimers concorda que o sentimento de insegurança dos cidadãos foi determinante para o favoritismo de Kast, mesmo ele tendo sido o segundo mais votado no

primeiro turno. “Nosso partido trouxe a segurança pública como uma das suas bandeiras, para desmistificar essa ideia de que a direita é que se preocupa com isso e a esquerda, não”, argumenta.

O dirigente do PC aposta na preservação do bloco construído em torno da candidatura de Jara, que apresenta como ainda mais sólido que a Unidade Popular, composta com o Partido Socialista, em 1970, para levar ao Palácio de La Moneda o métrico Salvador Allende, deposto pelos militares em 1973, no golpe liderado por Pinochet. “Essa é, talvez, a aliança mais ampla formada na história

republicana do Chile”, afirma, citando a presença de forças como a democracia cristã e os liberais.

Reimers lembra que a “frente antifascista”, como a define, conseguiu frustrar os planos da ultradireita para ter a maioria absoluta no Senado e na Câmara e “aprovar absolutamente tudo e desarticular tudo o que fizemos”. Cita, ainda, que três dos deputados mais votados são da esquerda, e celebra, sobretudo, a eleição da senadora comunista Karol Cariola, ex-líder estudantil e ex-presidente da Câmara.

Por sua vez, Martín Ordóñez, colega de Mella no mesmo departamento, explicou que o que ocorre no Chile não está desconectado do cenário no restante do mundo. “Há um crescimento da direita em distintos países. O Brasil viveu isso, com Jair Bolsonaro. Também ocorreu nos Estados Unidos, na Argentina e na Europa, com o avanço de uma direita à direita da tradicional”, admitiu à reportagem. O cientista político lembrou que Kast é um personagem oriundo da direita tradicional. “Foi deputado pela UDI, o partido da direita mais conservadora, e surgiu com um projeto de reconstituir a direita conservadora da década de 1990. No entanto, ele não é um tipo de político anti-establishment. O Chile testemunha uma esquerda mais radicalizada, que tem se desempenhado mal. Kast vem com um discurso muito forte de segurança e contra a imigração e de liberalismo econômico.”

O confronto entre visões antagônicas

O confronto de hoje no Chile opõe duas visões da sociedade e dos direitos individuais: a comunista Jeannette Jara, candidata do bloco de esquerda, defende mais direitos para as mulheres, incluindo a descriminalização do aborto. José Antonio Kast, católico de extrema-direita e favorito nas pesquisas, se opõe a qualquer abertura.

Durante muito tempo um dos países mais conservadores da América Latina, com forte influência da Igreja, o Chile só em 2004 autorizou o divórcio e, em 2017, levantou a proibição total da interrupção voluntária da gravidez. No entanto, o aborto só está permitido

em casos de estupro, risco para a vida da mãe ou inviabilidade do feto. Após a eclosão social de 2019 contra as desigualdades econômicas, uma lei de casamento entre pessoas do mesmo sexo foi aprovada no final de 2021. A partir de 2022, o presidente de esquerda Gabriel Boric liderou um governo autoproclamado “feminista”.

A ministra da Mulher, Antonia Orellana, elogiou, em entrevista à AFP, “quatro anos de avanços”, que incluem a criação de um registro nacional de devedores de pensão alimentícia, na maioria os pais. O mecanismo beneficiou mais de 300 mil famílias.

Choque frontal

Javiera Mena, porta-voz da Coordenadoria Feminista 8M, afirma que, com Kast, “os direitos sexuais e reprodutivos, a educação sexual integral (...) é o que está em risco”. Admirador do general Augusto Pinochet, Mena já se manifestou contra o aborto, a contracepção, o divórcio e o casamento homossexual, em particular durante a campanha presidencial de 2021. Também propôs eliminar o Ministério da Mulher, mas voltou atrás.

Membro do movimento católico conservador Schönstatt, é casado e tem nove filhos. Na atual

campanha, Kast evitou o tema dos direitos individuais e se concentrou na segurança e na imigração irregular. Consultado sobre sua oposição à venda de pílulas do dia seguinte em farmácias, candidato derrotista deu a entender que suas convicções não haviam mudado.

Jeannette Jara, nascida em um bairro popular e mãe de um filho, tem um discurso oposto. Ex-ministra do Trabalho no governo de Boric, ela promete um governo “de equidade e igualdade entre homens e mulheres”. Também projeta apoiar, no Parlamento, o texto que busca legalizar o aborto até 14 semanas de gestação.

Eitan Abramovich/AFP



Na capital, Santiago, reduzido da esquerda, uma potencial vitória de Kast preocupa os eleitores de Jara. “Lutamos muito, durante anos, para que as mulheres tenham direito a decidir sobre nosso corpo, nossa

sexualidade, nossos direitos reprodutivos. E acho muito perigoso que agora apareça uma figura que é contra tudo isso e é capaz de suprimir (as conquistas)”, opina Isadora Trazar, estudante de 22 anos.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

O INCOMPREENSÍVEL MUNDO ATUAL

Domingo que vem começa mais um verão no Hemisfério Sul. E, como diz o ditado, “uma andorinha só não faz verão”. De qualquer forma, todo final de ano nos deparamos com a publicação de listas e mais listas sobre quem se destacou nisso ou naquilo mundo agora. A fixação das pessoas com personalidades deveria ser parte de uma discussão maior sobre a importância relativa do indivíduo na história.

De fato, o estudo dos processos das sucessivas ondas de ação humana que criam e destroem heróis demonstra que a história é moldada por uma multiplicidade de fatores que transcendem as ações de indivíduos. No entanto, destacar a influência destes é inevitável, pois, por bem ou por mal, suas decisões e liderança moldam pessoas e nações.

Em outras palavras, seria como dar muro em ponta de faca negar que é a estrutura da economia, cultura, demografia, recursos disponíveis, tecnologia, além da disposição

do controle dos meios de produção, distribuição, comunicação e educação que define o cenário e as possibilidades dos que se destacam. Mas também é tolice desconhecer a importância das características dos indivíduos presentes em cada momento-chave.

O problema do mundo atual é a crescente importância de indivíduos de importância conjuntural, prêt-à-porter, nada da alta costura que fez a civilização. Por exemplo, a lista dos 25 “heróis” de 2025 do jornal Financial Times, de Londres, mostra como o mundo gosta de fato consumado. Não despreza plagiadores de marcas e estilos, e gosta mesmo é de ser mandado por instituição, invenção, popularidade, arbítrio, gente, indivíduo total. Herói de hoje é quem se destaca por disposições comportamentais típicas ou atípicas que alimentam um tempo de pequenas esperanças.

As vezes, surgem momentos de bifurcação histórica; e, nesses momentos críticos,

um indivíduo — seja líder, inventor, rico, artista, ou ativista — atua como um catalisador e mesmo orientador, capaz de acelerar e calibrar desenvolvimentos que, sem aquela pessoa específica, poderiam ter levado décadas ou nunca ter ocorrido da mesma forma.

São um tipo “religioso” de operadores de trilha, como na metáfora do “manobrador de trem” da Sociologia da Religião do sociólogo Max Weber. As imagens de mundo que os heróis do jornal inglês projetam são a de que cada indivíduo impõe suas ideias práticas, moldadas pela dinâmica dos interesses materiais e subjetivos vitoriosos da época — isto é, a moda é o que pode estar na moda.

Ou seja, em momentos de bifurcação histórica, a personalidade de quem está ali a operar os trilhos pode, sim, dentro de uma variação de amplitude limitada, influenciar os rumos da história. Melhor não esquecer de lembrar porque certos heróis estão, agora, no lugar de outros

heróis proscritos. Os novos costumam ser o produto do novo mau gosto inventivo e artístico de nosso tempo.

Pois bem, podemos, assim, então, justificar um pouco a curiosidade nas diversas listas que saem por aí nesta época do ano. A extravagante e interessante lista do londrino Financial Times é apenas mais uma delas com sua falta de ranking interno — a lista é dividida em três seções: líderes, criadores e heróis.

Entre os criadores, aparecem artistas de todo tipo: atores, cantores, diretores... O destaque vai para o porto-riquenho Bad Bunny, um jovem de 31 anos, batizado Benito Antonio, e que domina o primeiro posto mundial do Spotify, mesmo cantando quase que apenas em espanhol. Com cerca de 80 milhões de contas individuais do Spotify, Bad Bunny aponta, sobretudo, para uma triste verdade inexorável: a cultura latina é grande como fonte de riqueza de quem a explora.

O filósofo-historiador Johann Herder levou para o alemão uma antiga ideia latina de que as diferentes épocas ou séculos

tinham um gênio próprio. Tendo sido aluno de Kant e mentor de Goethe, Herder popularizou o conceito de Zeitgeist, entendido como o gênio, ou mais literalmente o espírito de uma época. Assim, o conceito de Zeitgeist, ou Espírito do Tempo, segue fazendo sentido, embora a escolha dos nomes mais reflicam o incompreensível mundo atual.

O tempo das distinções parece que já passou. Porém, independentemente do acerto de definir quem se destaca no mundo de hoje, é certo que tudo começa pelas ações individuais, sejam elas muito vanguardistas ou à frente de seu tempo, ou já encontrando um espaço privilegiado no zeitgeist daquela época. Em tempos de incendiários e de tanto humanismo vulgar, louvemos os que trabalham pela paz, sem violência, com emancipação da voz e com bondade. No final das contas, são elas que, misteriosamente, salvam o mundo, amansando o “gênio” de tempos de cobiça e luxúria como o atual.

PAULO DELGADO, sociólogo